

JORNALISMO E EMERGÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS NOS DISCURSOS DE REPÓRTERES

JOURNALISM AND SOCIO-ENVIRONMENTAL EMERGENCIES IN THE DISCOURSES OF REPORTERS

PERIODISMO Y EMERGENCIAS SOCIOAMBIENTALES EN LOS DISCURSOS DE LOS REPORTEROS

Anna Júlia Carlos da Silva ¹
anna.silva@acad.ufsm.br

Reges Schwaab ²
reges.schwaab@ufsm.br

RESUMO

Este artigo apresenta o percurso e os principais resultados de pesquisa que analisa como o sujeito-jornalista que atua na cobertura de pautas socioambientais emergentes discursiviza a sua prática e a sua profissão. O objeto de estudo corresponde aos discursos de co-fundadores da plataforma amazônica trilingue Sumaúma: Jornalismo do Centro do Mundo. Por meio da análise discursiva de suas publicações autorreferenciais, a investigação soma na discussão sobre o método de reportagem de iniciativas independentes e não-hegemônicas latino-americanas e aponta para as resistências e potencialidades do campo na busca por transformação social.

Palavras-chave: América Latina. Análise do discurso. Sumaúma.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestra em Comunicação e Graduada em Jornalismo pela mesma Instituição. Bolsista Capes. Pesquisadora discente do *milpa - laboratório de jornalismo* (CNPq/UFSM).

² Professor do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordena o *milpa - laboratório de jornalismo* (CNPq/UFSM).

ABSTRACT

This article presents the trajectory and the main results of a research that analyzes how journalist-subjects covering emerging socio-environmental issues articulate their practice and profession through discourse. The study focuses on the discourses of co-founders of the trilingual amazonian platform Sumaúma: Journalism from the Centre of the World. Through discursive analysis of their self-referential publications, the research contributes to the discussion on reporting methods in independent and non-hegemonic Latin American initiatives, highlighting both resistances and the field's potential for driving social transformation.

Key words: Latin America. Discourse Analysis. Sumaúma.

RESUMEN

Este artículo presenta el recorrido y los resultados principales de una pesquisa que analiza cómo el sujeto-periodista que cubre temas socioambientales emergentes discursiviza su práctica y profesión. El objeto de estudio corresponde a los discursos de los cofundadores de la plataforma amazónica trilingüe Sumaúma: Periodismo desde el Centro del Mundo. Mediante el análisis discursivo de sus publicaciones autorreferenciales, la investigación aporta a la discusión sobre el método de reportaje en iniciativas independientes y no hegemónicas latinoamericanas, señalando tanto las resistencias como las potencialidades del campo en la búsqueda de transformación social.

Palabras clave: América Latina. Análisis del Discurso. Sumaúma.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo³ tematiza o lugar do jornalismo diante das emergências socioambientais nos discursos de repórteres, buscando analisar o modo como os sujeitos que cobrem as principais pautas latino-americanas contemporâneas discursivizam as suas práticas e a sua profissão. Ao apresentar um gesto de leitura discursiva dos dizeres de tais repórteres, intentamos discutir modos de ser, pensar e fazer jornalismo que estejam mais alinhados às necessidades de nosso espaço e tempo. Nossa análise demonstra como o jornalismo independente e não-hegemônico elabora linguagens e métodos próprios, que resistem às estruturas tradicionais do campo e abrem caminhos para a construção de alternativas transformadoras. Essas práticas emergem como expressões da subjetividade dos profissionais, o que consequentemente intervém no jornalismo como atividade institucional, reconfigurando assim o lugar e o potencial da profissão no enfrentamento de crises contemporâneas.

A irrefutável preeminência de pautas socioambientais na atualidade coloca em evidência a multiplicidade de dizeres possíveis inseridos no e sobre o jornalismo. Nessa irrupção de sentidos, abrem-se caminhos para estudar o campo e avançar na atualização de suas discussões. Neste espaço em que coabitam diferentes formas de dizer e diferentes sujeitos mediadores de sentidos, os lugares de jornalista e do próprio jornal como veículo de comunicação mantêm-se em redefinição, ao passo que emergem possibilidades de construção de significações para uma prática que seja mais pertinente à sociedade que se configura no presente (Resende, 2005). É na busca por compreender o funcionamento de um recorte desta complexa rede discursiva contemporânea que construímos o nosso enquadramento. E o caminho que escolhemos para isso é o de esquadrihar a prática jornalística analisando as palavras dos próprios jornalistas (Marocco, 2016).

A pesquisa que origina o presente trabalho problematiza *como o sujeito-jornalista que atua na cobertura de pautas socioambientais emergentes discursiviza a sua prática e a sua profissão*. Neste artigo, o foco é apresentar sua construção e seus resultados de forma sintetizada. O objetivo é tensionar o lugar discursivo em que se inscrevem tais

³ Discussão de resultados da dissertação de mestrado intitulada O lugar do jornalismo diante das emergências socioambientais nos discursos de repórteres, defendida na Universidade Federal de Santa Maria em 2024. Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

sujeitos e o que isso diz sobre as possibilidades que envolvem o lugar social de jornalista na contemporaneidade.

Para circunscrever empiricamente o estudo, estabelecemos como objeto os discursos das jornalistas e do jornalista co-fundadores de *Sumaúma: Jornalismo do centro do mundo*. A plataforma foi fundada em setembro de 2022, por profissionais com décadas de carreira, como as brasileiras Eliane Brum, Talita Bedinelli e Carla Jiménez, a peruana Veronica Goyzueta e o britânico Jonathan Watts. *Sumaúma* é uma proposta de jornalismo independente e não-hegemônico, voltado às emergências socioambientais que traduzem o contexto atual do Brasil e da América Latina, em especial na Amazônia.

Assim, com base nesse objeto, definimos como *corpus* sequências discursivas (SDs)⁴ recortadas de amostras organizadas a partir de publicações autorreferenciais⁵ do sítio de *Sumaúma*. A amostra textual consiste em matérias jornalísticas coletadas das guias da plataforma intituladas *Manifesto* e *Nossa Voz*, delimitadas temporalmente pelo primeiro ano de *Sumaúma* – de setembro de 2022 a setembro de 2023 – e tematicamente por marcas de autorreferencialidade. Identificamos 15 matérias jornalísticas e, derivadas delas, 259 SDs. Esses trechos foram recortados conforme a leitura atenta e sucessiva dos textos, destacados pela aderência temática ao problema da pesquisa – ou seja, selecionados sob o requisito de tematizarem a prática jornalística e o jornalismo.

O gesto de leitura desses materiais foi realizado com base na Análise do Discurso de linha francesa, em sua vertente Pecheutiana (Ferreira, 2020; Orlandi, 2020). Os resultados da análise foram interpretados em conjunção com uma ambiência de discussão embasada na abordagem (socio)ambiental do jornalismo (Loose; Girardi, 2021; Schwaab, 2018) e no pensamento teórico latino-americano, em suas correntes crítico-utópica (Dussel, 1998; Torrico, 2022) e decolonial (Walsh; Mignolo, 2018).

Sucessivas leituras do corpus discursivo, e seu cotejamento a partir do problema central do estudo, nos levaram a nomear núcleos de sentido (NS)⁶ que orientam nossa interpretação: *capitalismo, guerra, morte e luta; decolonialidade, território, interseccionalidade e legitimação científica; participação, apoio, debate, ativismo e*

⁴ Trechos que foram recortados sob o requisito de tematizar o jornalismo e os seus fazeres.

⁵ Ocorre no jornalismo quando o sujeito toma a si próprio como objeto e, em seus dizeres, busca se constituir enquanto agente (Schwaab, 2011).

⁶ Palavras e frases que, reunidas, compreendem os significados regulares e centrais.

democracia; criação, renovação, vida e temporalidade; e identidade, posicionamento e método. Aproximadas, essas regularidades viabilizaram a identificação, classificação e nomeação das posições-sujeito (PS)⁷ que demonstram as principais marcas de subjetivação dos sujeitos de *Sumaúma*. São elas: *urgência e resistência, mudança de perspectivas, ação coletiva, criação de futuros e fazer jornalístico.*

Os discursos de sujeitos-jornalistas de *Sumaúma* revelam uma tentativa de inserção de um jornalismo que une urgência e resistência, mudança de perspectivas, ação coletiva, criação de futuros e fazer jornalístico a fim de enfrentar as questões contemporâneas e desempenhar um lugar ativo na transformação socioambiental. Esse enfoque contribui para se pensar como o jornalismo pode se configurar a partir de um lugar de transformação. Diante dessa aproximação, identificamos e nomeamos o lugar social⁸ como *do jornalismo*; o lugar discursivo⁹ como *de transformação*, a formação discursiva¹⁰ como *da transformação* e a forma-sujeito¹¹ como *de potencial transformador*.

Este artigo está organizado em quatro seções, incluindo a Introdução (1). A seguir, apresentamos os capítulos que dão suporte ao estudo: Referencial teórico-metodológico (2), Resultados (3) e Considerações finais (4).

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Investigar como o jornalismo coloca as questões socioambientais à serviço da sociedade e como coloca a si próprio diante dessas ocorrências viabiliza a contribuição para a compreensão dos mecanismos de funcionamento do seu trabalho e da oferta de gramáticas para diversas pautas contemporâneas (Schwaab, 2011). Nessa perspectiva, observar as práticas jornalísticas nos quadros em que os seus próprios discursos buscam instalar é um caminho para se pensar o jornalismo, o seu papel tematizador e a forma com que é constituída a sua urgência em relação aos principais temas da atualidade (Schwaab, 2011). Partindo desse prisma, tomamos a prática jornalística enquanto discursiva e

⁷ Em AD, são as marcas de subjetivação.

⁸ Em AD, é o imaginário preponderante do lugar que o sujeito ocupa na sociedade.

⁹ Em AD, é a inscrição subjetiva em um lugar próprio.

¹⁰ Em AD, é o espaço em que ocorre a produção de sentidos.

¹¹ Em AD, é o modelo universal do qual o sujeito se reveste.

propomos refletir sobre os lugares de sujeitos-jornalistas em sua relação com a linguagem no contexto delimitado.

Cumpramos destacar que a filiação de campo na qual inscrevemos este estudo se coloca em oposição ao entendimento de comunicação que parte de uma lógica unilateral, autoritária e hegemônica, ao passo que a compreendemos “em seu caráter social e coletivo, que apresenta-se mais adequado às necessidades contemporâneas, porque prima pela imprescindível necessidade de criação de um diálogo, lugar de confronto e de troca de saberes entre os vários sujeitos da contemporaneidade” (Resende, 2003, p. 19). Esse raciocínio está imbricado, uma vez que dedicar um olhar outro ao jornalismo ou ao lugar do jornalista, no âmbito da prática discursiva, requer a saída de lugares marcados pelo hegemônico (Resende, 2002). Partindo dessa fundamentação, também reconhecemos a oportunidade de propor, para a pesquisa, um pano de fundo que sugere resistência às lógicas (pre)dominantes, buscando insistir na divergência e escapar da subjugação do pensar e do agir (Costa, 2019).

Ainda, cabe ressaltar que diante dessa filiação de campo somos impulsionados a colocar na ordem do possível o olhar à subjetivação¹², que aparece *per se* como uma forma outra e que comporta alternativas singulares de pensar a prática jornalística a partir do que dizem os sujeitos do próprio campo. Como provoca Benetti e Hagen (2010, p. 126), “as marcas do jornalismo como instituição se misturam às marcas de subjetivação deste ou daquele jornalista”. Portanto, estudar a discursivização de sujeitos-jornalistas implica alcançar os processos discursivos do próprio jornalismo. É principalmente nessa conjuntura que enlaçamos os Estudos de Jornalismo ao dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD), em sua vertente francesa Pecheutiana.

A AD permite que o analista realize tensionamentos acerca da relação dos sujeitos falantes com a linguagem no cotidiano, confrontando os discursos, os sentidos e a história (Orlandi, 2020). Essa perspectiva, de acordo com Orlandi (2020), possibilita observar o discurso tanto em sua permanência e continuidade quanto em suas potencialidades de deslocamento e transformação. Oferecendo um manancial que dispõe

¹² Segundo Marocco (2016, p. 15), “sujeitos são cúmplices na sua própria constituição discursiva – subjetivação é um modo do ser humano se constituir a si mesmo em sujeito”. Mais adiante, iremos aprofundar a discussão dessas noções.

de conceitos que aprofundam as noções de sujeito/subjetividade, que questionam os seus lugares sociais e discursivos e que viabilizam a identificação de possíveis resistências por meio da linguagem, avaliamos que a AD adere oportunamente à nossa proposta e contribui com o rigor analítico, a orientação e a operacionalização de que necessita a pesquisa. Assim, pretendemos somar na densidade teórica que requer o exercício de leitura dos discursos de jornalistas (Marocco, 2016).

Para além dos Estudos de Jornalismo e da Análise do Discurso, o nosso quadro teórico abrange epistemologias da América Latina. Consideradas as acentuadas inclinações desta pesquisa às tramas socioambientais, constatamos a aderência do tema ao pensamento latino-americano, sobretudo em suas correntes crítico-utópica e decolonial. O interesse maior aqui é resgatar dessa abordagem a história da região, que compreendemos como absolutamente relacionada ao rompimento da conjuntura emergencial contemporânea e como opacamente enredada à linguagem que (con)forma o sujeito-jornalista.

Para pensar o jornalismo por outros horizontes é preciso considerar um referencial que, além de disruptivo, mostre-se aberto à pluralidade. Nesse sentido, o diálogo com “a perspectiva decolonial permite não apenas um olhar mais profundo sobre o que representa o jornalismo e sua prática na sociedade contemporânea, mas também instiga a observação das práticas que se diferenciam ao apresentar outras formas possíveis de abordagens” (Lima, 2022, p. 78). Desse modo, a articulação a esse prisma propicia uma contribuição para a construção de outros caminhos e olhares para o jornalismo (Lima, 2022), voltada às possibilidades que envolvem o seu pensar e fazer na América Latina e que levem em consideração as realidades típicas do cotidiano nesse território. Em nosso tempo, algumas iniciativas de jornalismo já se aproximam desse enquadramento.

Com vistas a circunscrever empiricamente este estudo, recuperamos o nosso objeto de análise, que corresponde aos discursos das jornalistas e do jornalista co-fundadores de *Sumaúma: Jornalismo do centro do mundo*. A plataforma foi fundada em setembro de 2022 por Eliane Brum, Jonathan Watts, Veronica Goyzueta, Talita Bedinelli e Carla Jiménez com a finalidade de abordar as principais pautas latino-americanas, sobretudo brasileiras, como uma “colaboração do campo do jornalismo para responder com urgência ao tempo da urgência” (Sumaúma, 2023, n.p). Seu foco recai sobre a

Amazônia, floresta tropical que cobre diversos territórios da América Latina, incluindo Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela.

A iniciativa propõe-se a fazer um “jornalismo a partir do centro do mundo”, em oposição ao conceito hegemônico de centralidade geopolítica e em defesa de uma mudança de valores e perspectivas que reordene as centralidades e coloque a natureza à frente do mercado (Sumaúma, 2023, n.p). *Sumaúma* (2023, n.p) ainda visa uma prática jornalística que se posiciona “ao lado dos povos-floresta”, que deseja “ser parte de uma transformação” e que “entende que o principal campo de disputa nessa guerra [movida contra a natureza] é o da linguagem”. Isto posto, identificamos nessa plataforma aproximações significativas com o nosso objetivo, o que sugere maior precisão para responder a pergunta que move esta investigação (*como o sujeito-jornalista que atua na cobertura de pautas socioambientais emergentes discursiviza a sua prática e a sua profissão?*).

Segundo as fundadoras e o fundador, “SUMAÚMA não é apenas uma plataforma de meio ambiente”, uma vez que “a crise climática atravessa todos os temas”, em um cenário em que “a guerra contra a natureza é configurada pelas relações de poder determinadas por raça, gênero, classe e também espécie” (Sumaúma, 2023, n.p, grifo nosso). É nesse contexto que observamos possibilidades de tensionamento da iniciativa à abordagem socioambiental no jornalismo e ao pensamento teórico latino-americano, sobretudo às correntes crítico-utópica e decolonial. Contudo, é pertinente frisar que a nossa proposta não consiste em fechar a plataforma nessas perspectivas. Esse diálogo parte de uma escolha de aproximação, de autoralidade do trabalho, à vista de criar uma ambiência de discussão que se apresente como base para sustentar o nosso gesto de leitura sobre jornalistas da plataforma e permitir posteriores teorizações mediante os resultados da análise discursiva proveniente.

Lima (2022, p. 72) acentua que a ampliação conceitual do jornalismo se mostra urgente, visto que “as soluções que ainda repousam no modelo tradicional da mídia hegemônica parecem ser insuficientes diante dos desafios a serem enfrentados”. Contudo, ainda se faz importante sondar e problematizar as determinações estruturais que afetam as formas de pensar e fazer jornalismo (Resende, 2002). Para além das tradicionais interferências radicalmente impositivas, de ordem econômica, ideológica e

epistemológica, os dizeres jornalísticos também estão condicionados, segundo Resende (2002), a regras e técnicas que surgem como causa ou efeito do momento histórico no qual se constrói o discurso jornalístico. Para o autor, esse cenário aparece como um desafio para a sociedade, visto que o engessamento na linguagem limita as formas de descrever as complexidades do dia a dia.

Resende (2002) aponta que o texto aparece como o objeto mais propício para se observar no enfrentamento desse tipo de impasse, uma vez que possui um caráter estruturante e estruturador. “Esse texto, que, neste caso específico, é a narrativa jornalística propriamente dita, provoca sentidos que, de alguma maneira, contribuem para que se possa ressignificar o lugar próprio do jornalismo” (Resende, 2002, p. 4). Por essa razão, a unidade de *texto*, base material para a Análise do Discurso, vem a protagonizar o nosso *corpus*.

Como introduzimos anteriormente, o *corpus* da pesquisa consiste em sequências discursivas recortadas de amostras organizadas a partir de publicações autorreferenciais do sítio eletrônico de *Sumaúma*. São incluídos materiais relativos ao primeiro ano da iniciativa em que os co-fundadores se expressam sobre as suas práticas e a sua profissão. A autorreferencialidade é um efeito notável e recorrente nas publicações das guias do sítio intituladas *Manifesto* e *Nossa Voz*, das quais coletamos 15 publicações para análise. Esses textos passaram por leituras discursivas e organizaram o nosso arquivo¹³ de trabalho, analisado à luz do dispositivo teórico-metodológico da AD.

Para realizar a análise, iniciamos buscando pistas na recorrência das palavras presentes na amostra completa, realizando uma contagem sobre as repetições. Dentre as mais numerosas, detectamos as palavras: *Sumaúma* (108), jornalismo (87), floresta (81), amazônia (59), governo (50), crianças (39), natureza (34), povos (31), vida (30), guerra (28), terra (19), apoio (10) e equipe (10). Com essa base, sublinhamos no arquivo o que identificamos como os núcleos de sentido dos textos, ou seja, palavras e frases que, reunidas, compreendem os significados regulares e centrais.

¹³ Em AD, “o arquivo é construído pelo gesto de interpretação do analista – pelos recortes efetuados diante das distintas materialidades, transformadas em *corpus* discursivo, objeto de análise” (BRESSAN, 2020, p. 30, grifo da autora).

Esses primeiros núcleos que foram percebidos pela recorrência das palavras, foram trabalhados de forma mais aprofundada, se ramificando em agrupamentos mais específicos. Os trechos destacados resultaram nas 259 SDs, organizadas em 17 páginas de apêndice. Em seguida, essas folhas foram impressas, o que possibilitou realizar com maior facilidade e melhor visualização recortes reais para segmentar e aproximar os diversos núcleos de sentido dispersos entre as SDs, que se transformaram em vinte conjuntos materiais – vinte NS. No capítulo a seguir, apresentamos de forma sintetizada os resultados do trabalho.

3 RESULTADOS

O percurso de interpretação que elaboramos apresenta como sujeitos-jornalistas de *Sumaúma* – Eliane Brum, Veronica Goyzueta, Talita Bedinelli, Carla Jiménez e Jonathan Watts – discursivizam o jornalismo e os seus fazeres, apontando para discursos que perpassam o reconhecimento de uma urgência que expõe a necessidade de resistência, suscetível por meio de um fazer jornalístico que parte de perspectivas outras e que se permite estimular a ação coletiva, a fim de criar futuros possíveis. Dentre as 259 SDs encontradas, selecionamos 20 SDs exemplares para compor este artigo.

A posição-sujeito 1, *urgência e resistência*, reúne os núcleos de sentido: *capitalismo, guerra, morte e luta*. O capitalismo é identificado como a raiz dos impasses socioambientais; a guerra traz efeitos de sentido de conflito e competição; a ênfase na morte sinaliza o risco de encerramento da vida ou extinção; e a luta aponta para a resposta crítica e a resistência a esse contexto.

Essa posição-sujeito mostra que *Sumaúma*: reconhece e retrata o capitalismo como uma questão central para discutir todos os outros assuntos; assume um posicionamento crítico; desnaturaliza as consequências do capitalismo; desperta sentidos de urgência, ação, mobilização, união e defesa; reafirma a gravidade das questões socioambientais; sugere a existência violenta de um lado inimigo; sinaliza o perigo iminente de perda ou extinção de vidas por meio da ênfase à morte; sensibiliza o público para as reais implicações dos conflitos; recusa a inação e a neutralidade frente ao massacre ambiental – por consequência, à destruição capitalista; e indica que o comprometimento ativo, traduzido na união e na luta simbólica, possui o poder de manifestar impactos

concretos no cenário econômico e político. Abaixo, apresentamos algumas SDs que ilustram esse conjunto:

SD1 Mas o capitalismo destruiu o instinto de *sobrevivência* das pessoas humanas, moldou *gerações* como indivíduos que acreditam *viver* para seus umbigos e sua suposta liberdade quando **são apenas consumidores passivos de todas as mercadorias ordinárias** que engolem junto com o planeta *destruído* para produzi-las.

SD2 *SUMAÚMA*, plataforma trilingue baseada em Altamira, na bacia do Xingu, Amazônia, **trava essa guerra na linha de frente**, fazendo jornalismo desde o centro da vida. **Nossa trincheira**, a da natureza, **está sendo massacrada**.

SD3 *Na Amazônia, a sede de SUMAÚMA*, essa guerra ganhou outra velocidade e intensidade a partir da eleição de Jair Bolsonaro, hoje candidato à reeleição. Os efeitos da **política predatória** do atual presidente, com o desmonte dos órgãos de proteção e de fiscalização, está **desenhada a sangue, mercúrio e malária** na Terra Indígena Yanomami.

SD4 Os centros do mundo são os enclaves de natureza que ainda *resistem* apesar de toda a barbárie do que se convencionou chamar de “civilização”. É por eles que **SUMAÚMA luta, no campo do jornalismo, como aliada dos povos-natureza**.

A posição-sujeito 2, *mudança de perspectivas*, reúne os núcleos de sentido: *decolonialidade, território, interseccionalidade e legitimação científica*. A ênfase na decolonialidade é uma escolha editorial para questionar as estruturas tradicionais, sobretudo no jornalismo; a relevância atribuída ao território, propõe a geolocalização como importante para valorizar as percepções locais e as interconexões globais das questões abordadas; a interseccionalidade indica um jornalismo mais alinhado à realidade plural de diversos grupos e a questão da legitimação científica reconhece uma integração entre os saberes tradicionais indígenas e a ciência climática.

Essa posição-sujeito mostra que *Sumaúma*: demonstra abertura para mudanças e questionamentos das estruturas de conhecimento coloniais que envolvem o jornalismo; ressalta o seu alinhamento com os povos originários e a crítica à exploração da floresta; destaca a importância de uma compreensão local e uma consideração das perspectivas e impactos territoriais; estimula a integração Sul Global ao unir América Latina, África e Ásia como potências da biodiversidade; propõe parcerias com iniciativas independentes de jornalismo da Pan-Amazônia; sugere internacionalizar o público por meio da publicação de textos em português, espanhol e inglês; valoriza a diversidade,

contribuindo para a mudança de perspectivas e para o fortalecimento da coletividade; efetivamente opera com base nos princípios da interseccionalidade; e incentiva a participação ativa das comunidades indígenas nas discussões científicas. A seguir, destacamos mais algumas SDs:

SD5 Somos fundadores de SUMAÚMA, mas ela só crescerá como a árvore que lhe dá o nome junto com jornalistas da floresta, em um processo de **coformação**, em que nós ensinaremos *o melhor do jornalismo que aprendemos e exercemos, alguns há mais de 30 anos*, e **jovens indígenas, ribeirinhos, quilombolas, camponeses e das periferias e baixões das cidades amazônicas nos ensinarão como elas e eles contam histórias**. Afinal, os **povos indígenas transmitem seu conhecimento e produzem notícias há pelo menos 13 mil anos** na Amazônia.

SD6 *Se você nos apoiar, SUMAÚMA poderá formar uma redação capaz de cobrir as várias Amazônias não só no Brasil, mas em toda a Pan-Amazônia, capaz de cobrir outros biomas* que também estão em avançado processo de *destruição, capaz de cobrir os grandes debates globais a partir de outra perspectiva e de outras centralidades*, mantendo uma voz forte no **sul-global**.

SD7 Só podemos cobrir a brutalidade de uma *minoria humana capaz de provocar uma extinção em massa de espécies* e colocar suas próprias *crianças* em risco de um *futuro* hostil se compreendermos que a *guerra* contra a natureza é configurada pelas **relações de poder determinadas por raça, gênero, classe e também espécie**. A crise climática é causada pelas desigualdades e as amplia, na medida em que **os mais afetados por ela são os indígenas e os pretos, as mulheres e as tantas espécies** a caminho da extinção.

SD8 *Os centros mais essenciais de um mundo em colapso climático não são Washington ou Pequim, não são os bunkers do sistema financeiro*, mas os enclaves de *vida* do qual depende a nossa *sobrevivência*, como os oceanos, as florestas tropicais, os vários biomas. **É isso que mostra a melhor ciência e é isso que apontam os xamãs**.

A posição-sujeito 3, *ação coletiva*, reúne os núcleos de sentido: *participação, apoio, debate, ativismo e democracia*. Ao conceber uma relação participativa, de apoio e debate entre jornalistas e leitores, a plataforma incentiva uma comunidade engajada e empoderada, desafiando a tradicional separação entre emissores e receptores de notícias. A preocupação com a capacitação dos leitores para que compreendam e ajam frente às emergências socioambientais marca uma alteração no papel desse público, que passa de um consumidor passivo de informações para um agente ativo de transformação. Essa abordagem percebe o jornalismo, para além de um meio de informação, como um propulsor do ativismo. A ênfase para a democracia reconhece o papel do jornalismo na manutenção e aprimoramento do sistema democrático.

Essa posição-sujeito mostra que *Sumaúma*: busca integrar os leitores, destacando a importância da inclusão e da organização coletiva para o seu fazer jornalístico; enfatiza a responsabilidade individual de cada sujeito na decisão de se engajar, ao mesmo tempo em que sublinha a importância da união; ressalta o compromisso claro com a capacitação dos leitores para compreenderem e agirem diante das urgências; não se limita a reportar problemas, mas se propõe a buscar e criar soluções; almeja leitores ativos; assume uma postura democrática inscrita no próprio processo de produção jornalística; defende uma democracia que alcance também os direitos da natureza; e considera o jornalismo como um dos componentes essenciais da manutenção da democracia. Algumas SDs podem exemplificar esse conjunto:

SD9 Também quero chamar a atenção de vocês para a palavra “contato”, que aparece no alto de nossa capa. Está no alto e em destaque porque **queremos nos comunicar com vocês, queremos escutar suas críticas e sugestões, queremos suas opiniões, queremos fazer comunidade.**

SD10 Só vocês podem dizer se conseguimos. **Se conseguimos, foi graças ao seu apoio:** com doações, com leitura, com divulgação do nosso trabalho.

SD11 As últimas semanas foram de ataques duros contra a natureza e seus povos, e *nossa equipe trabalhou muito para publicar reportagens rapidamente, mas com contexto e rigor, para que nossos leitores tivessem elementos para se posicionar.*

SD12 Nestes dez meses de existência, *é o que SUMAÚMA busca fazer: conectar a comunidade de leitores ativos com realidades rigorosamente investigadas, apuradas e checadas* desde o centro do mundo.

SD13 **SUMAÚMA defende, sim, a democracia.** Mas a **democracia que defendemos** é para *todas as pessoas humanas*, algo que no Brasil jamais foi alcançado, e *também para as pessoas não humanas*. No século 21 não faz nenhum sentido falar sobre **democracia** sem estendê-la para a natureza e para as *futuras gerações*.

A posição-sujeito 4, *criação de futuros*, reúne os núcleos de sentido: *criação, renovação, vida e temporalidade*. A capacidade criativa é observada pela plataforma como um aspecto fundamental para a resistência. A renovação sugere como o jornalismo pode se beneficiar ao incorporar abordagens atualizadas. A *vida* destaca a relevância do jornalismo em seu sentido socioambiental, reconhecendo a interconexão entre todos os aspectos da vida coletiva, em uma aliança com a natureza. A temporalidade, baseada na noção de futuro-presente, propõe uma reflexão sobre a necessidade de mudanças para o enfrentamento dos desafios contemporâneos.

Essa posição-sujeito mostra que *Sumaúma*: considera a capacidade criativa como um elemento para a resistência às determinações de uma sociedade pautada pela aceleração da produção; potencializa a sua orientação para abordagens divergentes e atualizadas, apontando para a qualidade acima da quantidade; reconhece a sua própria transformação como impreterível e contínua; busca colaborar para recuperar o valor de humanidade e o senso de autopreservação; alicerça a relevância de se observar e valorizar a vida, sobretudo em meio aos desafios socioambientais contemporâneos; e compreende que o futuro somente se concretizará com mudanças de perspectivas, possíveis por meio da aliança com a natureza. Abaixo, as SDs em destaque:

SD14 *Todos nós temos um papel a desempenhar na criação* das condições para a *vida* na Terra.

SD15 **SUMAÚMA foi gestada** pela convicção de que vivemos a época mais perigosa de toda a trajetória de nossa espécie na casa-planeta.

SD16 **Toda vida é interdependente.** Assim, não se trata de altruísmo, mas de **sobrevivência.**

SD17 *Sumaúma é aliada daqueles que defendem os enclaves da natureza,* defendem os centros de **produção de futuros.**

A posição-sujeito 5, *fazer jornalístico*, reúne os núcleos de sentido: *identidade, posicionamento e método*. A identidade, contribui com a manifestação de sua abordagem, o que oferece transparência sobre as suas decisões editoriais e ressalta o seu lugar de distinção, mas aceitação no cenário jornalístico. O posicionamento, reflete o compromisso da plataforma com os princípios de justiça socioambiental, revelando uma posição ativista que é autorizada como uma demanda relativa às urgências contemporâneas. O método, demonstra as práticas relacionadas a essa identidade e a esse posicionamento, orientadas pela profundidade, denúncia e pelo senso de urgência.

Essa posição-sujeito mostra que *Sumaúma*: possui uma postura crítica com relação à mídia hegemônica; reforça que, mesmo assumindo perspectivas distintas, segue fazendo jornalismo e preservando as estruturas-chave do campo; manifesta recorrente autorreferencialidade, que expõe o seu processo editorial; aproxima os seus leitores e oferece transparência sobre as suas decisões; afasta-se de ideais de neutralidade, imparcialidade e objetividade; enfatiza o uso da subjetividade no jornalismo como forma de resistência; revela uma posição engajada e ativista, reconhecida como uma demanda

relativa às urgências contemporâneas; valoriza a complexidade e a autenticidade na produção jornalística; percebe-se como dispositivo de denúncia, autorizada a indicar aqueles que devem ser identificados e responsabilizados por crimes e negligências; aponta para a eficácia das reportagens por meio de seus impactos; e compreende-se como agente com determinado potencial de mudança. Por fim, apresentamos as últimas SDs exemplares deste artigo:

SD18 De que maneira uma plataforma de jornalismo como SUMAÚMA trata uma reportagem como essa? Acho importante explicar, porque isso mostra quem somos e como nos movemos, algo que nossos leitores precisam saber para fazer suas escolhas.

SD19 SUMAÚMA tem lado desde o seu primeiro dia. Na guerra contra a natureza, movida pela minoria dominante que está alterando brutalmente o clima e a geografia do planeta, nos aliamos aos povos que se mantêm como natureza.

SD20 Precisamos comprovar o que escutamos, em respeito aos fatos, aos leitores e antes de tudo às vítimas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa, observamos mais aproximadamente este sujeito-jornalista latino-americano que se contrai-identifica com os aspectos hegemônicos do lugar social *do jornalismo* e que busca inscrever formas outras de pensar e fazer a sua profissão, resistindo às determinações do campo. Para isso, assume tais posições-sujeito dentro de um lugar discursivo *de transformação*, com a formação discursiva *da transformação* e a forma-sujeito *de potencial transformador*, o que aponta para o não-hegemônico. Isso porque o discurso de sujeitos-jornalistas de *Sumaúma* revela uma tentativa de inserção de um jornalismo com uma prática que une as compreensões que engendramos acerca das classificações de urgência e resistência, mudança de perspectivas, ação coletiva, criação de futuros e fazer jornalístico, a fim de enfrentar as questões contemporâneas e desempenhar um lugar ativo na transformação socioambiental.

A busca parece ser também por inserir e articular discursos que concorrem para que esse seu jornalismo se coloque em um lugar outro, para além do social, de modo que se permita que o lugar discursivo almejado por tais sujeitos passe a fazer sentido e se materialize. Isso diz sobre as possibilidades que envolvem o lugar social de jornalista na contemporaneidade, uma vez que apresenta como jornalistas de *Sumaúma*

progressivamente somam sentidos distintos para as suas práticas e a sua profissão, que resistem e confrontam o próprio campo. Afinal, para a AD, lugares social e discursivo se constituem mutuamente, ao passo que “o lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto, pela inscrição do sujeito num lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso” (Grigoletto, 2007, p. 6). Logo, *Sumaúma* contribui para a compreensão de que o jornalismo contemporâneo carrega a possibilidade de assumir uma atuação de potencial transformador, ao perceber o seu jornalismo como agente de mudança e de empoderamento, em um lugar não-hegemônico e de resistência.

Com a justificativa de perspectiva de contribuição para pensar o campo e responder às demandas jornalísticas que despontam em decorrência das emergências contemporâneas da América Latina, a pesquisa soma de forma aprofundada na discussão sobre o método de reportagem de plataformas independentes e não-hegemônicas latino-americanas; desvela a resistência desse tipo de iniciativa à estruturas tradicionais no jornalismo; aponta para as potencialidades do campo na busca por transformação social, ambiental, econômica e política; e demonstra como a prática jornalística não é apenas uma atividade institucional, mas também uma expressão da subjetividade de profissionais, possuindo relação direta com o contexto social e discursivo de determinado espaço e tempo.

As emergências de nosso espaço e tempo demandam investigações prolongadas e atualizações contínuas, uma vez que a contemporaneidade reclama do jornalismo estratégias discursivas capazes de simbolizar um cotidiano cada vez mais conflituoso. No escopo temporal desta pesquisa, completamos a trajetória proposta, alcançando o que buscamos explorar. Este percurso, para além de suas discussões atuais, abre inquietações para desdobramentos futuros de pesquisa, atualmente em elaboração em uma nova investigação que aprofunda a temática e articula, além de *Sumaúma*, a iniciativa mexicana *Dromómanos*. Tal estudo deve ser concluído em 2028.

À medida que as questões socioambientais se tornam o principal desafio factual, ressaltando a urgência do contexto e a necessidade de práxis atualizadas, o jornalismo que apresentamos neste trabalho emerge como um agente relevante. Por meio da resistência e da busca por formas outras de ser, pensar e fazer, intenta ativamente

contribuir para a transformação social, ambiental, econômica e política. Em um mundo em transformação, desvelamos as potencialidades desse jornalismo que, mantendo-se alinhado com o ritmo corrente do cotidiano, se configura como campo que pode se aproximar de uma atuação e de um impacto, do mesmo modo, transformadores.

REFERÊNCIAS

- BENETTI, M.; HAGEN, S. Jornalismo e imagem de si: o discurso institucional das revistas semanais. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 7, n. 1, p. 123-135, 2010. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/d69c/b8ebaeb25b0b02fc3b51c2efb8a5943a3108.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- BRESSAN, M. Z. Arquivo. In: FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Glossário de Termos do Discurso** - Edição Ampliada. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 27-31.
- COSTA, A. C. **Cosmopolíticas da Terra**: modos de existência e resistência no antropoceno. 2019. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46900/46900.PDF> >. Acesso em: 10 dez. 2023.
- DA SILVA, A. J. C. **O lugar do jornalismo diante das emergências socioambientais nos discursos de repórteres**. 2024. 133 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/31703>>. Acesso em: 2 maio 2024.
- DUSSEL, E. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- FERREIRA, M. C. L. Análise do Discurso. In: FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Glossário de Termos do Discurso** - Edição Ampliada. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 23-26.
- GRIGOLETTO, E. **Do lugar social ao lugar discursivo**: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, p. 1-11, 2007. Disponível em: https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGri_goletto.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- LIMA, V. Contribuições dos estudos decoloniais para pesquisa e prática do jornalismo. In: SARDINHA, A.; LIMA, V.; LARA, E.; BELMONTE, V. **Decolonialidade, Comunicação e Cultura**. Amapá, 2022. p. 70-90. Disponível em: <https://observatoriodh.com.br/?p=4495>. Acesso em: 10 maio 2023.
- LOOSE, E. B.; GIRARDI, I. M. T. Interfaces entre o debate colonial e os estudos de jornalismo ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 58, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/download/75877/44915>. Acesso em: 10 maio 2023.
- MAROCCO, B. **Ações de resistência no jornalismo**: “Livro de repórter”. Editora Insular, 2016.

ORLANDI, E. P. **Análise De Discurso**: Princípios e Procedimentos. 13 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

RESENDE, F. A comunicação social e o espaço público contemporâneo. **Revista ALCEU** - Revista de Comunicação, Cultura e Política/Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, v. 5, p. 129, 2005. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n10_resende.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2022.

_____. Ausências na Comunicação Social e no Jornalismo: a lógica da rua. **Oficina do CES**, n. 197, p. 1-29, 2003.

_____. **O olhar às avessas**: a lógica do texto jornalístico. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001272848>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SCHWAAB, R. Jornalismo, ambiente e reportagem ampliada. In: GIRARDI, I. M. T.; MORAES, C. H.; LOOSE, E. B.; BELMONTE, R. V. (org.) **Jornalismo ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre, RS: Metamorfose, 2018. p. 69-85.

_____. **Uma ecologia do jornalismo**: o valor do verde no saber dizer das revistas da Abril. 2011. 214p. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29243/000776475.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SUMAÚMA. **Sumaúma**: jornalismo do centro do mundo, 2023. Manifesto. Não paginado. Disponível em: <<https://sumauma.com/quem-somos/>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

TORRICO, E. R. **Comunicación (re)humanizadora**: Ruta decolonial. Quito, Ecuador: Ediciones Ciespal, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/46aj98R>. Acesso em: 10 maio 2023.

WALSH, C.; MIGNOLO, W. Introduction. In: WALSH, C.; MIGNOLO, W. (org.). **On Decoloniality**: Concepts, Analytics, Praxis. Duke University Press, 2018. p. 1-12.



Original recebido em: 24 de setembro de 2025

Aceito para publicação em: 30 de novembro de 2025

Anna Júlia Carlos da Silva

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestra em Comunicação e Graduada em Jornalismo pela mesma Instituição. Bolsista Capes. Pesquisadora discente do milpa - laboratório de jornalismo (CNPq/UFSM).

Reges Schwaab

Professor do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordena o milpa - laboratório de jornalismo (CNPq/UFSM).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional